ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Línguas Indígenas Brasileiras

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS

TOMO I

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Problemas e soluções do dicionário Karajá

Marcus Resende Maia (Museu Nacional - UFRJ)
Maria Helena de Sousa Fialho (FUNAI / Universidade de Brasília)

I – INTRODUÇÃO

Esta comunicação pretende historiar as origens e discutir alguns problemas encontrados na elaboração do dicionário enciclopédico da língua, da cultura e da história Karajá. Este dicionário, iniciado com base em fichas de registro de itens lexicais flexionados, morfemas funcionais livres e presos, organizadas pelo primeiro autor a partir de 1983, vem sendo checado e ampliado com a participação do segundo autor desde 1997, quando o projeto foi discutido no encontro de educação Karajá na aldeia de Aruanã (GO) com professores e lideranças das principais aldeias da etnia. Discutiremos a estrutura dos verbetes que pretendem incluir as seguintes informações: entrada lexical na ortografia Karajá, transcrição fonética, transcrição fonêmica, categoria gramatical, termo ou definicão em português, definição em Karajá, sinônimos, variantes dialetais, informações sobre contextos de uso, exemplos. Sendo um dicionário enciclopédico, a base de dados pretende ainda incluir fotografias e desenhos de diferentes aspectos da cultura Karajá, tais como artefatos, cerâmica, objetos rituais, máscaras, padrões de pintura corporal, etc. Sendo um dicionário da cultura e da história Karajá, planeja-se incluir coleções de mitos e cantos Karajá, com tradução livre e interlinear, além de um registro de biografias, fatos históricos, aldeias passadas e presentes, sítios históricos, etc. Entre os problemas a serem discutidos, citamos a entrada de formas não flexionadas, que nem sempre são compreendidas adequadamente pelo falante Karajá a quem o dicionário pretende servir. Problemas relativos à ortografia também serão levantados. Exemplos de verbetes serão apresentados, bem como a sua metodologia de constituição e abonação no âmbito do programa de educação Karajá

II – O DICIONÁRIO KARAJÁ

O Projeto do Dicionário Enciclopédico da Língua, da História e da Cultura Karajá, a ser submetido, em 2002, à Secretaria de Educação Indígena do MEC, tem como objetivo a organização de um dicionário enciclopédico ilustrado, de natureza pedagógica, podendo ser utilizado tanto pelos Kara-

já, quanto por estudiosos e pelo público em geral. O projeto inspira-se em duas experiências de educação indígena desenvolvidas no Brasil a partir da década de 1980, conforme relataremos nas seções a seguir:

2.1. O PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO "WERÈ TYYRITINA"

Este projeto, desenvolvido sob a coordenação do autor desta comunicação, tem seu relato completo apresentado em Maia (2001). Tratava-se de um projeto de alfabetização em língua javaé, levado a efeito na aldeia javaé do Boto Velho, situada na Ilha do Bananal (TO), próxima à localidade de Barreira da Cruz, município de Cristalândia (TO). Neste projeto, desenvolvido entre 1983 e 1988, obteve-se a alfabetização em língua javaé e, posteriormente, em língua portuguesa de cerca de 15 crianças da comunidade javaé de Boto Velho, que não contava então com qualquer assistência educacional, seja por parte da FUNAI, seja por parte de escolas municipais da região. O projeto, baseava-se no método Paulo Freire, prevendo a constituição de conjuntos de "palavras geradoras" que, em conformidade com o método, deveriam cobrir todos os fatos fonético/fonêmicos da língua, sendo também relevantes culturalmente.

Para o estabelecimento dos fundamentos teóricos do projeto, avaliamos várias metodologias, procuramos nos informar sobre projetos de alfabetização junto a outras comunidades indígenas e terminamos por decidir tentar uma adaptação do método Paulo Freire, originalmente concebido para a alfabetização de adultos, à turma de crianças indígenas. O método paulo Freire concebe o processo de alfabetização em termos de conscientização, recusando, por princípio, a excessiva centralização no professor e nos conteúdos programáticos, de um lado, e a mera recepção passiva de técnicas e conceitos, de outro. Tal fato nos pareceu decisivo, pois as atividades de alfabetização poderiam ser introduzidas na comunidade como parte de um contexto de questionamento e reflexão mais amplo sobre a realidade da sociedade indígena face à realidade envolvente. Além do que, um método de base silábica parecia ideal às características fonético-fonológicas do Javaé, língua de recorte silábico simples e bem marcado. A literatura por nós revista apresentava, ainda, várias experiências bem-sucedidas na aplicação do método Paulo Freire junto a comunidades indígenas. Uma dessas experiências foi-nos de particular valia: a realizada por Isabel Hernandez com o grupo Mapuche no Chile.

Concebido para ser desenvolvido em conjunto com o grupo a partir de situações iniciais de aprendizagem, o programa seria montado progressivamente com a participação ativa da comunidade. Em consonância com o caráter experimental do projeto e em função do amadurecimento da equipe, organizaram-se cartilhas, livros de exercícios, de escrita e de estórias. Inicial-

mente, no entanto, foi desenvolvida apenas a primeira etapa de um manual do professor com roteiro de situações pedagógicas a serem testadas e avaliadas. As etapas seguintes deste manual foram desenvolvidas a partir dos resultados da primeira fase. As onze palavras geradoras escolhidas cobriam todos os fatos fonológicos da língua Javaé, inclusive as diferenças existentes entre a fala do homem e da mulher, sendo ainda representativos da realidade cultural da comunidade: Hãwa (aldeia), Irasò (aruanã), Ijata (banana), Koworu (roça), Wasureny (a nossa terra), Mahãdu (o grupo, a turma), Ixyju (outros índios, índios "bravos"), Bodòlekè (pirarucu), Krysa (Xavante), Itxãtè (louco), Brèbu (medo).

Organizamos, como havíamos previsto, um guia metodológico bilíngüe, estipulando item por item os diversos procedimentos de exploração de cada palavra geradora a ser trabalhada com a turma de crianças. Basicamente, as atividades pedagógicas distribuíam-se nas seguintes etapas: (a) atividades de reflexão oral: os significados de cada palavra são debatidos pela turma que, em seguida, os representa pictoricamente; (b) atividades de leitura: cada palavra é apresentada para reconhecimento, desmembrada em seus constituintes silábicos que são rearticulados em novas palavras criadas pelos alunos; (c) atividades de escrita: cada palavra e sílaba são copiadas pelos alunos e novas palavras são produzidas, recombinando-se os constituintes silábicos. Ao longo de todas as fases são realizados jogos e brincadeiras pedagógicas.

2.2. O PROJETO DE DICIONARIZAÇÃO DE FORMAS EM TIKUNA

Além da experiência de alfabetização relatada acima, o projeto do dicionário enciclopédico Karajá, toma como referência o conceito de dicionarização, proposto pela Professora Marília Facó Soares (1988), do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ, que assessora escolas da sociedade indígena Tikuna, no Alto Solimões. Entende-se por dicionarização, o processo de elaboração de um dicionário, em que, ao invés da peça material, a ênfase passa a recair sobre as atividades de preparação do dicionário. Neste sentido, a participação dos indígenas é concebida como fundamental, quer durante o trabalho de levantamento e seleção das fontes, agrupamento e classificação de vocábulos e expressões, quer durante o processo de escolha de entradas e organização dos verbetes. O processo de dicionarização é uma atividade de longo prazo com autoria coletiva.

2.3. PRIMEIRAS DISCUSSÕES DO PROJETO DO DICIONÁRIO KARAJÁ[1]

No Encontro de Educação realizado em 1997, na aldeia Karajá de Aruanã, onde o projeto do dicionário Karajá foi inicialmente discutido com cerca de 30 professores e lideranças Karajá, apresentou-se um leque amplo de possibilidades para a organização de dicionários (cf. anexos), tendo-se decidido, consensualmente, que o Dicionário Karajá será um dicionário bilíngüe Karajá-Português em que as entradas lexicais, organizadas em ordem alfabética, incluirão as seguintes informações: transcrição fonética, categoria gramatical, termo ou definição equivalente em Português, definição semântica em Karajá, sinônimos, variantes dialetais, informações sobre contexto de uso, além de exemplos. Sendo um dicionário enciclopédico, o volume também incluirá fotografias e desenhos de diferentes aspectos da cultura Karajá, tais como artefatos domésticos, cerâmica, tecelagem, plumária, objetos rituais, máscaras, padrões de pintura corporais, brinquedos, etc. Sendo um dicionário da cultura e da história Karajá, o volume conterá ainda uma coleção de mitos e cantos Karajá com tradução livre e interlinear, além de um registro de biografias, fatos históricos, aldeias passadas e presentes, sítios históricos, etc.

Entre as pessoas que podem envolver-se nesta ação estão tanto os Karajá, de modo geral, tais como os anciãos, as lideranças, os professores e alunos das escolas Karajá, bem como os não-índios, os Karajólogos, tais como pesquisadores, antropólogos, linguistas e outros acadêmicos que desenvolvem ou desenvolveram pesquisas junto à sociedade Karajá. Também os educadores programadores, supervisores, professores da FUNAI e de outros órgãos com atuação junto aos Karajá podem participar do dicionário. Conforme decidiu-se no Encontro de Aruanã, a rede de professores Karajá atuará como um conselho executivo e consultivo intermediário entre cada aldeia da sociedade Karajá e os não-índios envolvidos no Projeto. A rede de professores terá, portanto, papel central no Projeto, cabendo a ela as seguintes atribuições: (a) decidir o tipo de dicionário, a seleção e a organização dos verbetes; (b) discutir internamente em cada aldeia as informações constantes em cada verbete, tais como, definições, pronúncia, usos, etc. (c) organizar verbetes preliminares, obtendo um consenso interno a cada aldeia e, em seguida, compor verbetes gerais em reuniões com os demais professores indígenas e assessores não índios participantes do projeto; (c) interagir com os assessores não índios (antropólogos, linguistas, educadores, etc.), recebendo

[1] O projeto do dicionário Karajá foi discutido ainda em mesa-redonda coordenada pela Profa. Maria do Socorro Vale durante o 9º INPLA (Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada), relizado em 1999, na PUC-SP, havendo sido pulbicado na Revista Intercâmbio (cf. Maia, 2000).

e avaliando propostas de inclusão de áreas temáticas, verbetes, definições, ilustrações etc. A participação dos assessores não indígenas pode se dar das seguintes formas: (a) fornecendo à rede de professores assessoria técnica para a constituição e abonação dos verbetes, propondo entradas lexicais e áreas temáticas, auxiliando na transcrição fonética, na revisão das definições e classificações, segundo a sua especialidade; (b) interagindo entre si, no sentido de discutir diferenças e divergências de análise, colocando em debate nos encontros semestrais/anuais pontos controversos em cada especialidade e estimulando uma participação crescente da rede de professores e da comunidade indígena como um todo; (c) buscando viabilizar financeiramente o projeto, atuando junto a diferentes instituições e agências de financiamento para a realização de reuniões semestrais/anuais da equipe, em termos de transporte, hospedagem, material de escritório, xerox, etc. (d) atuando junto a diferentes instituições e agências de financiamento para viabilizar financeiramente os processos posteriores de edição de versões do dicionário, seja em livro, em fascículos, em CD-ROM, em Home-Pages etc.; (e) atuando junto a diferentes instituições e agências de financiamento para obter recursos para equipar as escolas Karajá com os materiais e equipamentos didáticos e de informática necessários para a prática pedagógica no âmbito de um programa de revitalização da língua e da cultura Karajá.

As fontes para a elaboração dos verbetes do Dicionário Karajá são diversificadas, podendo incluir bases de dados coletadas por pesquisadores, vocábulos de estórias e mitos orais e transcritos, sugestões trazidas pelos Karajá, etc. O dicionário conta no momento com uma base de dados em fase de implementação no programa "Shoebox", com cerca de 2000 itens lexicais coletados e checados junto a diversos informantes Karajá por Marcus Maia e Maria Helena Fialho. No Encontro realizado nas aldeias Xambioá, em 1998, avançou-se a elaboração do projeto, bem como obtiveram-se propostas iniciais de biografias sobre figuras da história Karajá. Constuiram-se, ainda, verbetes preliminares de verbos do campo semântico de assar (cf. anexo 2).

Um outro tipo de fonte para o dicionário, ora em fase de informatização, são os léxicos especializados do Karajá extraídos de diversas teses e dissertações acadêmicas que serão devidamente submetidos à avaliacão da equipe de professores Karajá, no próximo encontro a ser realizado na aldeia de Santa Isabel, em 2002. Nesse próximo encontro, a equipe do dicionário pretende concluir a formatação do projeto a ser submetido ao MEC e desenvolver trabalhos com os grupos de professores, no sentido de avançar a checagem e abonação dos itens lexicais e a redação de definições semânticas concisas e precisas para estes itens. Como o dicionário fornecerá uma documentação extensiva do léxico, da cultura e da história Karajá, tanto o seu processo de elaboração como os seus produtos finais são compreendidos

como recursos pedagógicos valiosos a ser utilizado de diversas formas nas escolas das aldeias, bem como nas escolas e bibliotecas das cidades vizinhas às aldeias Karajá. Contribuindo para se debater, analisar e documentar os múltiplos aspectos da língua e da sociedade Karajá, o Dicionário pretende se constituir, enquanto processo e enquanto produto, em um instrumento poderoso para a preservação e revitalização da língua e da cultura do povo Karajá.

III – PROBLEMAS

Nesta seção, indicaremos dois problemas com que temos lidado ao longo do processo de dicionarização:

3.1. ORTOGRAFIA

A ortografia criada pelo SIL[2] apresenta vários problemas, havendo resistências por parte dos professores indígenas à sua reforma. Por exemplo, o SIL propôs representar a vogal central alta [I] como y e a vogal central média [´] (schwa) como à. Entretanto, a ortografia consagrou o uso de y para representar o schwa nasal, levando a diferença grafema/fonema, inaceitável para os próprios Karajá, pois a central alta nasal não ocorre nem fonêmica e nem foneticamente em Karajá. A saída seria, sem dúvida, proceder a uma reforma ortográfica que sanasse esse e outros problemas da ortografia. Esta solução encontra resistência por parte de vários professores e lideranças Karajá que, embora reconhecendo os problemas da ortografia do SIL, alegam já haver se acostumado a ela, imaginando que sua reforma poderia causar ainda mais problemas para os professores e alunos do que o sistema atual.

3.2 ISOLABILIDADE DAS RAÍZES

A exemplo do que ocorre em outras línguas, as formas verbais em Karajá devem ser geralmente suportadas por afixos flexionais. Em muitos casos, a entrada da raiz isoladamente dificulta ou mesmo impede sua recuperabilidade pelo falante. Por outro lado, a entrada da forma flexionada pode inviabilizar sua consulta em um dicionário alfabético, pois o prefixo de pessoa — qualquer que seja a pessoa escolhida — determinaria a entrada de

[2] O SIL – Summer Institute of Linguistics/Sociedade Internacional de Lingüística é uma organização híbrida de missionários evangélicos e lingüistas que vem atuando noBrasil desde 1956. O casal de missionários-lingüistas do SIL, David e Gretchen Fortune desenvolveram pesquisas entre os Karajá a partir de 1988, tendo, posteriormente, com a colaboração da pedagoga Margareth Alford, participado do PEBA – programa de Educação Bilíngüe e Bicultural do Arlaguaia, que formou professores e produziu material didático para as escolas Karajá durante as décadas de 60 e 70, em convêncio com a FUNAI (cf. Maia 2001b).

todos os verbos na mesma letra. A solução para esse problema exige que se teste a isolabilidade de cada raiz, buscando-se, quando possível, evitar a entrada com os prefixos, seja através da raiz isolada, seja através de sufixos. Por exemplo, uma forma como (1) poderia ter sua entrada apenas pela raiz –rybè- que pode ser reconhecida como "fala". Já uma forma como (2) não pode ser recuperada pela forma –le- isoladamente.

(1) r-a-rybè-re "falou"
3A-vt-falar-Pass

(2) r-e-le-re "virou"
3A-vt-virar-Pass

IV – ANEXOS

33. MATERIAL USADO PARA DISCUSSÃO COM OS PROFESSORES KARAJÁ NOS ENCONTROS DE PROFESSORES DE ARUANÃ (1997) E DE XAMBIOÁ (1998).

DICIONÁRIOS

SEGUNDO A ENCICLOPÉDIA DA LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE DE OXFORD, UM DICIONÁRIO É UM LIVRO DE REFERÊNCIA QUE LISTA AS PALAVRAS DE UMA OU MAIS LÍNGUAS, GERALMENTE EM ORDEM ALFABÉTICA, ALÉM DE OUTRAS INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE SUA GRAFIA, PRONÚNCIA, CATEGORIA GRAMATICAL, SIGNIFICADO, HISTÓRIA E USO.

A ENCICLOPÉDIA DA LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE DE OXFORD LISTA DIVERSAS PERGUNTAS QUE SE PODE FAZER ANTES DE SE ADQUIRIR UM BOM DICIONÁRIO:

1. **O PAPEL É DE BOA QUALIDADE?**
2. **A ENCADERNAÇÃO PERMITE QUE SE ABRA O LIVRO INTEIRAMENTE?**
3. **AS DEFINIÇÕES SÃO PRECISAS E CONCISAS?**
4. **ELE CONTÉM AS PALAVRAS PRINCIPAIS DA LÍNGUA?**
5. **ELE CONTÉM TERMOS ESTRANGEIROS DE USO CORRENTE?**
6. **ELE CONTÉM INFORMAÇÃO ENCICLOPÉDICA/**
7. **ELE TRAZ ILUSTRAÇÕES DE OBJETOS E CONCEITOS DIFÍCEIS DE SE COMPREENDER?**
8. **ELE EVITA AS DEFINIÇÕES CIRCULARES?**
9. **O DICIONÁRIO FORNECE EXEMPLOS DE USO DE PALAVRAS?**

10. ELE TRAZ ORIENTAÇÃO SOBRE O USO DE PALAVRAS?
11. ELE INDICA OS CONTEXTOS SOCIAIS E ESTILÍSTICOS A QUE PERTENCEM AS PALAVRAS?
12. ELE CONTÉM INFORMAÇÃO ETIMOLÓGICA?
13. ELE CONTÉM TRANSCRIÇÃO FONÉTICA SIMPLES E VARIANTES DE PRONÚNCIA?
14. ELE TRAZ INFORMAÇÕES SOBRE VARIANTES ORTOGRÁFICAS?
15. ELE CONTÉM EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, PROVÉRBIOS, DITOS POPULARES?
16. ELE CONTÉM SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS?
17. ELE REMETE A PALAVRAS RELACIONADAS?
18. ELE TRAZ INFORMAÇÕES GRAMATICAIS?
19. ELE TRAZ APÊNDICES ÚTEIS?
20. ELE CONTÉM ABREVIAÇÕES?

A HISTÓRIA E A TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS

OS PRIMEIROS DICIONÁRIOS TINHAM FINALIDADE PRÁTICA. ERAM GERALMENTE BILÍNGÜES, CONTENDO LISTAS DE PALAVRAS EM UMA LÍNGUA E SUAS TRADUÇÕES EM OUTRA. SERVIAM PARA USO DE VIAJANTES E MISSIONÁRIOS. DURANTE O SÉCULO XVII, MUITOS DICIONÁRIOS BILINGÜES E POLIGLOTAS FORAM PUBLICADOS POR CAUSA DO DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO E DE ATIVIDADES DE MISSIONÁRIOS AO REDOR DO MUNDO. O MAIS ANTIGO DICIONÁRIO QUE SE CONHECE FOI FEITO PELO GREGO PROTÁGORAS NO SÉC. V A.C. E CONTINHA APENAS PALAVRAS DE DIFÍCIL COMPREENSÃO. ERA UM DICIONÁRIO MONLÍNGÜE.

A DISCIPLINA LINGÜÍSTICA QUE ESTUDA OS DICIONÁRIOS SE CHAMA LEXICOGRAFIA. LEXICOGRAFIA É O ESTUDO METÓDICO – ENUMERAÇÃO, SIGNIFICAÇÃO – DAS PALAVRAS DE UMA LÍNGUA FEITO EM DICIONÁRIO. HÁ DIVERSOS TIPOS DE DICIONÁRIOS:

- DICIONÁRIOS DE LÍNGUA MATERNA

SÃO DICIONÁRIOS QUE REGISTRAM OS VOCÁBULOS DE UMA LÍNGUA EM ORDEM ALFABÉTICA, EXPLICANDO-OS NA MESMA LÍNGUA. PODE CONTER INFORMAÇÕES GERAIS, GRAMATICAIS, REGISTRAR HOMÔNIMOS, REGIONALISMOS, ETC.

ÍNDIO[1]. S.M. INDIANO; O HOMEM QUE HABITAVA AS TERRAS AMERICANAS À CHEGADA DOS DESCOBRIDORES EUROPEUS; O AUTÓCTONE DA AMÉRICA; (BRAS) PEÃO GAÚCHO, INDIVÍDUO CORAJOSO, DISPOSTO; (V.

VALENTÃO) – RIO GRANDE DO SUL; TIPO DE PIPA OU PAPAGAIO DE PAPEL – RIO DE JANEIRO.
ÍNDIO[2]. SM. ELEMENTO DE NÚMERO ATÔMICO 49, SÍMBOLO IN.
(PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA)

- DICIONÁRIOS BILÍNGÜES

SÃO DICIONÁRIOS QUE PÕEM EM CORRESPONDÊNCIA OS VOCÁBULOS DE UMA LÍNGUA COM OS EQUIVALENTES DE OUTRA LÍNGUA.
ÍNDIO. INDIAN, SOMEONE FROM INDIA; THE NATIVE INHABITANT OF THE AMERICAS.
(DICIONÁRIO MICHAELIS PORTUGUÊS-INGLÊS)
ÍNDIO. INDIANER. INDER
(DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ALEMÃO LANGENSHEIDT)

- DICIONÁRIOS POLIGLÓTICOS

SÃO DICIONÁRIOS QUE PÕEM EM CORRESPONDÊNCIA OS VOCÁBULOS DE UMA LÍNGUA COM OS EQUIVALENTES DE DUAS OU MAIS LÍNGUAS.

CASA. SF. EDIFÍCIO PARA HABITAÇÃO; MORADA; VIVENDA. HOUSE (INGLÊS); HAUS (ALEMÃO); MAISON (FRANCÊS).

- DICIONÁRIOS ESPECIAIS

SÃO DICIONÁRIOS QUE REGISTRAM APENAS ALGUNS ASPECTOS DO VOCABULÁRIO DE UMA LÍNGUA. ENTRE OUTROS, EXISTEM OS SEGUINTES TIPOS DE DICIONÁRIOS ESPECIAIS:

- DICIONÁRIOS DE REGIONALISMOS

SÃO DICIONÁRIOS QUE LISTAM E EXPLICAM OS REGIONALISMOS LEXICAIS, POR EXEMPLO, OS FALARES REGIONAIS DO PORTUGUÊS, OS BRASILEIRISMOS E LUSITANISMOS, AS VARIAÇÕES DIALETAIS, ETC.
PIPA. PAPAGAIO, CAFIFA (RJ); PANDORGA (MG), PEÃO, MORCEGO.

- DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS

SÃO DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS EM DAR A ORIGEM DOS VOCÁBULOS
CAVALO. DO LATIM CABALLUS
ÉGUA. DO GREGO EQUUS
FILME. DO INGLÊS FILM

- DICIONÁRIOS DE TERMOS GRAMATICAIS

SÃO DICIONÁRIOS QUE REGISTRAM OS SIGNIFICADOS DOS VOCÁBULOS EMPREGADOS PELOS GRAMÁTICOS E LINGÜISTAS PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM E DAS LÍNGUAS.
PREFIXO: ASSIM SE CHAMA O AFIXO QUE VEM NA PARTE INICIAL DO VOCÁBULO
(DICIONÁRIO DE FILOLOGIA E GRAMÁTICA DE MATTOSO CÂMARA JR.)

- DICIONÁRIOS DE JARGÃO TÉCNICO

SÃO DICIONÁRIOS QUE REGISTRAM E EXPLICAM O VOCABULÁRIO ESPECÍFICO DE UMA ATIVIDADE PROFISSIONAL.

CORREIO-ELETRÔNICO: DO INGLÊS E-MAIL. TROCA DE MENSAGENS ATRAVÉS DE REDES DE COMPUTADORES INTERLIGADOS A NÍVEL LOCAL OU MUNDIAL. V. INTERNET.
(DICIONÁRIO DE INFORMÁTICA)

- DICIONÁRIOS DE GÍRIAS

SÃO DICIONÁRIOS ESPECIALIZADOS NO REGISTRO E EXPLICAÇÃO DE TERMOS DE GÍRIA DE UMA LÍNGUA.
SUPER-MANEIRO: ALGO MUITO INTERESSANTE, EXCELENTE.
LEGAL: MUITO BOM, ÓTIMO
(DICIONÁRIO DE GÍRIAS BRASILEIRAS)

- DICIONÁRIOS ELETRÔNICOS

SÃO DICIONÁRIOS ARMAZENDADOS EM DISCOS DE COMPUTADOR, GERALMENTE EM CD-ROM. TEM FORMATO MULTIMÍDIA. SÃO, GERALMENTE, INTERATIVOS E PERMITEM O USO DE QUESTÕES ESPECÍFICAS POR PARTE DO CONSULENTE.

- DICIONÁRIOS ENCICLOPÉDICOS

SÃO DICIONÁRIOS QUE, ALÉM DE CONTER OS VOCÁBULOS DE UMA LÍNGUA, APRESENTAM INFORMAÇÕES VARIADAS SOBRE A HISTÓRIA, A GEOGRAFIA, A SOCIEDADE, A CULTURA, ALÉM DE BIOGRAFIAS, MAPAS, FOTOS E DESENHOS ILUSTRATIVOS.

O PROCESSO DE DICIONARIZAÇÃO

O termo dicionarização foi proposto pela professora MARíLIA FACÓ SOARES[3], do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ, que assessora

[3] Dicionarização das Formas em Tikuna. (1988) Manuscrito, MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 52p.

escolas da sociedade indígena Tikuna, no Alto Solimões. Distinguem-se, inicalmente, três conceitos:

1. Léxico
É o conhecimento internalizado que o falante de uma língua tem do mundo de palavras constituído em sua própria língua, isto é, conhecimento que engloba todas as palavras da língua, as suas diferentes acepções, os seus diferentes usos, as suas possibilidades de emprego sintático, as correspondências estabelecidas entre elas.

2. Dicionário
É a peça material, o livro ou o CD-ROM de computador que, dependendo da maneira como é construído pode vir a refletir aspectos do léxico mental.
3. Dicionarização
É o processo de elaboração de um dicionário. Ao invés da peça material, a ênfase passa a recair sobre as atividades de preparação do dicionário.

Os verbetes dos dicionários bilíngües

Geralmente os verbetes dos dicionários bilíngües contêm os seguintes itens:
1. A entrada lexical
2. A categoria lexical
3. Frases de exemplificação de uso
4. Expressões Idiomáticas
5. Algumas informações gramaticais
6. A pronúncia
7. Sinônimos
8. Acepções diferentes separadas por algarismos

I. O dicionário Karajá

Como deve ser o dicionário Karajá?
Quem será/serão os seus autores?
Para que deverá servir?
Para os Tori?
Para os pesquisadores?
Para o povo Karajá?
Como serão os verbetes?
Como serão os verbos representados?
E as diferenças dialetais?
A fala da mulher?
Haverá definições, sinônimos e parônimos?

A ELABORAÇÃO DOS DICIONÁRIOS

A elaboração de dicionários é uma atividade complexa que requer a formação de equipes responsáveis por levantar e abonar verbetes a partir de FONTES. Em dicionários de línguas indo-européias, em que há uma tradição lexicográfica bem desenvolvida, as fontes costumam ser:

- a língua dos escritores
- a língua dos meios de comunicação de massa
    - jornais
    - revistas
    - rádio
    - TV
    - computador
    - Internet
- falares regionais
- linguajar das diferentes categorias profissionais
- diferentes camadas da população
- usos lingüísticos nas Artes
    - teatro
    - canções populares
    - poesia
- vocabulário das ciências
- vocabulário dos esportes
- empréstimos de línguas estrangeiras

QUAIS AS FONTES PARA O KARAJÁ?

Mitos, Ibru, Ibruhuky, cantos do Aruanã, variantes dialetais...

COMO SE FARÁ A ABONAÇÃO DOS VERBETES DO KARAJÁ?

A abonação é o processo lexicográfico de estabelecimento, fixação ou legitimação dos significados. A Proposta a seguir delineia algumas possibilidades.

Uma proposta de DICIONARIZAÇÃO

Algumas sugestões para um Projeto de Dicionarização no contexto de um Programa de Revitalização da Língua e da Cultura Karajá

1. A participação dos indígenas é fundamental, quer durante o trabalho de levantamento e seleção das fontes, agrupamento e classificação de vocábulos e expressões, quer durante o processo de escolha de entradas e organização dos verbetes.

2. O processo de dicionarização é uma atividade de longo prazo com AUTORIA COLETIVA. Entre as pessoas que podem envolver-se nesta ação estão os indígenas, de modo geral (os anciãos, as lideranças, os professores, as ceramistas, os alunos) e os não índios, tais como os pesquisadores, antropólogos, lingüistas, educadores e outros que desenvolvem pesquisas ou atuam sistematicamente junto à sociedade indígena.

3. A participação dos indígenas pode se dar das seguintes formas:

- A rede de professores Karajá atuará como um Conselho EXECUTIVO e CONSULTIVO intermediário entre cada aldeia da sociedade Karajá e os não-índios envolvidos no Projeto. A rede de professores terá, portanto, papel central no Projeto, cabendo a ela as seguintes atribuições:

- Decidir o tipo de dicionário, a seleção e a organização dos verbetes;

- Discutir internamente em cada aldeia as informações constantes em cada verbete, tais como, definições, pronúncia, usos, etc.

- Organizar verbetes preliminares, obtendo um consenso interno a cada aldeia e, em seguida, compor verbetes gerais em reuniões com os demais professores indígenas e assessores não índios participantes do projeto.

- Interagir com os assessores não índios (antropólogos, linguistas, educadores, etc.), recebendo e avaliando propostas de inclusão de áreas temáticas, verbetes, definições, ilustrações etc.

4. A participação dos assessores não indígenas pode se dar das seguintes formas:

- Fornecendo à rede de professores assessoria técnica para a constituição e abonação dos verbetes, propondo entradas lexicais e áreas temáticas, auxiliando na transcrição fonética, na revisão das definições e classificações, segundo a sua especialidade.

- Interagindo entre si, no sentido de discutir diferenças e divergências de análise, colocando em debate nos encontros semestrais/anuais pontos controversos em cada especialidade e estimulando uma participação crescente da rede de professores e da comunidade indígena como um todo.

- Atuando junto a diferentes instituições e agências de financiamento para a realização de reuniões semestrais/anuais da equipe, em termos de transporte, hospedagem, material de escritório, xerox, etc.

- Atuando junto a diferentes instituições e agências de financiamento para viabilizar financeiramente os processos posteriores de edição em livro, em CD-ROM, Home-Pages, de versões do dicionário.

EXEMPLOS DE VERBETES KARAJÁ

Entrada [transcrição fonética]; classe gramatical; definição em português; definição em Karajá. Variantes dialetais. Exemplos.

-obiu- [obi'u]; Verbo classe -i-; assar na brasa usando o jirau (v. obiuna). Utura, iròdudè obiuna-tyrè roimyhyre. Habu iròdudè r-i-obiu-ny-ra " o homem assou a carne de caça"; iròdudè r-a-obiu-ra "a carne de caça assou".

-hètòtò- [hEtO'tO]; Verbo classe -i-; assar na brasa usando espeto. Utura, iròdudè hèòty-ò roimyhy$re. Hawyy utura r-i-hètòtò-ny-ra "a mulher assou o peixe"; utura r-a-hètòtò-ra " o peixe assou".

-wòsi- [wO'Qi]; Verbo classe -i-; assar direto no fogo. Mai, kòtèruti hèòty-ruò roimyhy$re. Kòtèruti r-e-wòsi-ny-ra "(eu) assei a batata"; kòtèruti r-a-wòsi-ra "a batata assou".

-hera- [he'ra]; Verbo classe -i-; cozer. Utura, iròdudè bè-di raherady$y$myhyre. Hirari juwata r-i-hera-ny-ra " a menina cozeu a piranha"; juwata r-a-hera-ra "a piranha cozeu".

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Maia, Marcus (2000). O Projeto do Dicionário Enciclopédico da Língua, da Cultura e da História Karajá". Revista INTERCÂMBIO, vol IX, p. 265-272, ISSN1413-4055 PUC-SP.

Maia, Marcus. (2001). Werè Tyyritina: Alfabetização na Língua Javaé". Revista da Anpoll, n. 11, p. 187-201, ISSN 1414-7564, FFLCH/USP, São Paulo.

Maia, Marcus. (2001). Representações da Educação Karajá" . Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 75, p.145-173. Campinas:CEDES, ISSN 0101-7330.Soares, Marília Facó. (1988) .Dicionarização das Formas em Tikuna. Manuscrito, MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 52p.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org